

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BOVINOCULTURA E LITERATURA

*Raquel Naveira*  
*raquelnaveira@oi.com.br*

O boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício.

Para vários povos antigos o boi era um animal sagrado. Entre os gregos era imolado em rituais religiosos: o termo “hecatombe” designa um sacrifício de cem bois. Conta a lenda que Apolo, deus do sol, tinha bois que foram roubados por Hermes, o mensageiro do Olimpo. Este só conseguiu fazer-se perdoar pelo seu furto ao oferecer a Apolo a lira que inventara, feita da pele e dos nervos de um boi retesados sobre uma carapaça de tartaruga. O sol também tem seus bois, de imaculada brancura e chifres dourados. Os companheiros de Ulisses, famintos, ao comerem carne de boi, apesar da proibição de seu chefe, acabaram por morrer, todos eles, somente Ulisses, o único que se abstivera, escapa à morte.

As primeiras pinturas de nossos ancestrais paleolíticos, estampadas nas paredes silenciosas das cavernas, representam bisões, cavalos, mamutes, javalis e outras criaturas, as caças desejadas pelo homem da Idade da Pedra.

Na caverna de Lascaux, na França, encontra-se um bisão, com o tórax maciço, o denso quarto traseiro e as patas curtas e finas, brandindo um agressivo par de chifres. Uma imagem mágica, de efeito avassalador. A arte pré-histórica já é representativa de todas as expressões artísticas posteriores e o homem elegeu desde sempre o boi como um importante elemento estético.

Mato Grosso do Sul, Estado do Pantanal e a capital, Campo Grande, têm vocação agropastoril. O boi é um símbolo de nossa terra, de nossa economia, de nossa riqueza. É um símbolo de uma sociedade do boi, de uma aristocracia do boi. Faz parte integrante de nossa alma, de nossa mentalidade, do nosso destino. É um ícone de nossa cultura.

Vários autores escreveram sobre fazendas, lugares e pastagens repletas de bois e vacas. Esse é um tema constante na obra de Guimarães Rosa ao descrever o sertão. O conto *O Burrinho Pedrês*, do livro *Sagarana*, é um verdadeiro tratado de raças, tipos e pelagens de boi, como podemos conferir por este trecho: “E abria os olhos, de vez em quando,

para os currais, de todos os tamanhos, em frente ao casarão da fazenda. Dois ou três deles mexiam, de tanto boi. Alta, sobre a cordilheira de caindas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucúia, dos tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscos, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrocos, alaranjados; castanhos tirando a rubros, pitangas com longes pretos; betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras; tartarugas variegados; araçás estranhos, com estrias concêntricas no pelame – curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro. Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando redemoinhos: sempre um vai-vem, os focinhos babosos apontando e as caudas, que não cessam de espanejar com as vasourinhas”.

O conto *Seqüência*, do livro *Primeiras Estórias*, também de Guimarães Rosa, mostra uma vaquinha vermelha, uma vaquinha pitanga, que viajava na estrada das Tabocas. A vaca conduz um rapaz até a casa de certo Major Quitério, onde ele se apaixona por uma das filhas do major, “alta, alva e amável”. Uma vaca conduzindo o homem ao seu amor, ao seu destino. Assim termina o conto: “Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Da vaca, ele a ela diria: – É sua”. Suas almas se transformavam? E tudo à sazão do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se. E a vaca-vitória, em seus ondes, por seus passos”.

O poeta alagoano, Jorge de Lima, publicou em 1952, o poema denominado *Invenção de Orfeu*, escrito em dez cantos de muitas estâncias, ou poemas de variadas formas. Quase sempre hermético, mas de extraordinária musicalidade. *Invenção de Orfeu* é uma produção ambiciosa, onde o poeta, por vezes claramente nordestino, sugere a nossa formação étnica e social, em que e misturam vultos da literatura e religiosidade. Trata-se de uma biografia épica. No Canto Primeiro, intitulado *Fundação da Ilha*, encontramos o poema de número XV, em que o poeta compara sua mãe a uma vaca. Um poema forte, ousado, onde a natureza materna é comparada ao instinto do animal com sua cria, numa ligação profunda, carnal, quase incestuosa:

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A garupa da vaca era palustre e bela,  
Uma penugem havia em seu queixo formoso;  
E na fronte lunada onde ardia uma estrela  
Pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela  
Que do fundo do sonho eu às vezes esposo  
E confunde-se à noite à outra imagem daquela  
Que ama, amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido- era o meu acalanto,  
E seu olhar tão doce inda sinto no meu:  
O seio e o ubre natais irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:  
Semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu  
O leite e a suavidade a manar de dois seios.

O poeta maranhense Ferreira Gullar, em seu livro de poemas *Luta Corporal* descreveu o boi como parte integrante da natureza, neste poema em prosa: “Vai o animal no campo; ele é o campo como o capim, que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que muge, retalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi e rumi-na, e olha a erva a crescer em redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue em suas patas para andar sobre o seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguerão do pó dos ossos que a chuva lavarà, quando for o tempo”.

Alguns poetas sul-mato-grossenses também elegeram a temática do boi para os seus poemas. O professor Orlando Antunes Batista escreveu o poema *Noturno do Boi*, evocativo e melancólico, que transcrevo na íntegra:

Sentado no lombo do boi  
Vagarei entre pastos  
Pastagens deste meu Pantanal  
Devagar seguirei o sonho, a poesia  
E a filosofia do boi.

Aquidauana às moscas  
No Domingo: as caminhonetas  
Rumam aos pantanais  
De festa, alegria e suspiros lembrando  
Nomes de bois que nunca retornam  
Jamais.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Rubem de Aquino escreveu este poema de clima surreal, de imagens surpreendentes e absurdas, intitulado *A multidão e a chuva morta*:

O boi saiu da parede  
E andou pelo quarto silente,  
Lambeu a pele da noite  
E o sono profundo do homem.

Muitos bois  
Em todos os quartos da cidade  
Caíram da parede  
E ficaram parados  
Observando o povo adormecido e preocupado.

A cidade acordou...  
Só então a população caiu em si, diante do espelho  
Do toilette: ninguém tinha rosto!  
Enquanto dormiam  
Os bois levaram tudo para um futuro distante  
E deixaram apenas o homem!

O clima surreal lembra um poema clássico de Manuel Bandeira, *Boi Morto*, um poema que serve de referência à relação entre a poética de Manuel Bandeira e a geração de 45. Quando publicado num suplemento dominical, esse poema provocou a maior celeuma pelo seu hermetismo. O boi morto seria uma fantasia do homem do futuro, capaz de materializar o monstro do subconsciente. Outra interpretação seria o seu concretismo, sua sincronização com as artes visuais, como se as palavras atuassem como objetos autônomos. Eis o poema:

Boi Morto

Como em turvas águas de enchente,  
Me sinto a meio submergido  
Entre destroços do presente  
Dividido, subdividido,  
Onde rola, enorme, o boi morto.

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores de paisagem calma,  
Convosco – altas, tão marginais!-  
Fica a alma, a atônita alma,  
Atônita para jamais.  
Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido,

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Boi espantosamente, boi  
Morto, sem forma ou sentido  
Ou significado. O que foi  
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

No importante livro comemorativo do centenário de Campo Grande, intitulado *Campo Grande – 100 anos de construção*, publicado pela Enersul e Matriz Editora, destacamos dois ensaios que falam sobre o boi. O primeiro é o texto *A cidade e o boi*, do advogado e acadêmico, Eduardo Machado Metello, falecido recentemente. Metello escreve sobre a vocação de Campo Grande para a pecuária, seus pastos verdejantes alongando-se nas vizinhanças dos Campos de Vacaria e pelos solos férteis de Maracaju; sobre o gado criado à larga; sobre os primeiros fazendeiros como o gaúcho Laudelino Barcelos, os pioneiros Antônio Francisco Rodrigues Coelho, Laucídio Coelho, Etalívio Pereira Martins, Elisbério Barbosa, Bernardo Baís, Osvaldo Arantes, Fernando Corrêa da Costa, Dolor de Andrade e outros.

Explica que, no começo, o gado europeu predominou nos campos, depois chegou a era do zebu e do nelore, a raça ideal para o clima dos trópicos.

Metello lembra que no começo do bairro Amambá, havia um local denominado *Cabeça de Boi* e que nossa cidade, em tempos idos, era acusada de ter uma “mentalidade bovina”, como se o fazendeiro fosse culpado pela falta de escolas e pela ausência de cultura, das artes e do desenvolvimento intelectual.

Metello critica o MST no sentido de que não podem ser desapropriadas fazendas com atividade pecuária. O gado é carne, leite, comida e emprego para milhares de pessoas que, direta ou indiretamente, vivem em função do boi.

O outro ensaio intitula-se *Manifestações Culturais em Campo Grande*, de autoria da professora universitária, Maria Adélia Menegazzo. No tópico referente às Artes Plásticas, Maria Adélia afirma que a Bovinocultura é momento transformador presente na obra do artista plástico Humberto Espíndola, que “elegeu e anunciou traços de sua realidade mais próxima”, o boi, como temática de seu trabalho. “Multiplicando as máscaras do boi, deu conta da diversidade e autonomia inerentes ao processo estético”.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Humberto Espíndola nasceu em Campo Grande, no dia 04 de abril de 1943 e é o criador da Bovinocultura, utilizando em seu trabalho o boi como símbolo regional e universal.

O catálogo bilíngüe *20 anos de Bovinocultura*, publicado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, durante a presidência da professora Idara Negreiros Duncan Rodrigues, é um registro precioso que relata um pouco da história e da trajetória de Humberto Espíndola.

Há fotos de quadros polêmicos como o *Boi-society*, em tons de cinza e azul, em que um boi traz impressa na cartola a marca do dinheiro, o “cruzeiro”. Boi que é moeda, poder econômico, sangue. O tema repete-se em *Boi alado nas asas do dinheiro* e no *Glória ao boi nas alturas*.

As cores da bandeira brasileira e a parte traseira do boi aparecem em *Boi-bandeira*. Em *Boi-brasão*, um boi com farda militar, insígnias e patas levantadas denuncia a brutalidade dos tempos de ditadura e opressão, com coragem e realismo que só os artistas possuem.

Em outras telas destacam-se partes do boi, numa metonímia do todo: um chifre-cornucópia, um chifre-lua, um pedaço do couro tingido a brasa.

Curiosas as instalações montadas na Bienal de São Paulo, em 1971. Mistura de chifres, cascas de arroz, crachás, rosetas franzidas e coloridas, criando uma ambiência simbólica entre a festa e o funeral.

Na Bienal de Veneza de 1972, chamaram atenção os couros com a heráldica de sinais estrelados e os arames farpados, que lembram prisão, propriedade, escravidão.

Humberto perenizou sua arte em mármore, granito e pintura nos grandes painéis do Palácio do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá e fez a sua leitura muito particular e poética da divisão do Estado nos imensos quadros expostos na Casa da Memória Arnaldo Estêvão de Figueiredo, em Campo Grande, testemunhando assim o seu tempo, imprimindo sua visão artística à história e à política.

É um exercício de beleza e satisfação identificarmos símbolos de nossa identidade misturados aos bois de Humberto Espíndola: um couro tatuado com desenhos dos índios guaicurus, uma roda de carreta, uma flor roxa de camalote, uma pele pintada de onça, um pedaço do manto da Virgem de Caacupê.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Igualmente bela a sensação de encontrarmos os símbolos de outras culturas misturados aos bois de Humberto Espíndola : a egípcia Cleópatra, as colunas gregas, as harpas, o chapéu que recorda Carlitos.

Sim, a beleza em estado cruel e puro está estampada nos trabalhos de Humberto. Beleza que nos perturba e fascina.

No catálogo, depoimentos de críticos de arte como Jayme Maurício, Roberto Pontual e Aline Figueiredo atestam o talento da pintura teatral e trágica desse “sacerdote da catedral do boi”.

A bovinocultura, portanto, imprime a figura do boi nas artes visuais e na literatura. O boi com sua potência cava sulcos intelectuais para receber as fecundas chuvas do céu. Sua força permanece através dos séculos, conservadora e invencível.

## BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manuel. *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio e MEC, 1971.

BECKETT, Wendy. *História da pintura*. São Paulo: Ática, 1997.

*CAMPO GRANDE-100 anos de construção* – Secretaria de Estado de Cultura e Esportes, ENERSUL e Matriz Editora.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

ESPÍNDOLA, Humberto. *Catálogo – 20 anos de Bovinocultura*, Fundação de Cultura de MS e TV Morena.

GULLAR, Ferreira. *A luta corporal* (poemas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Ediouro, [s.d.]. Coleção Prestígio.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana* (contos). Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

———. *Primeiras estórias*. 28ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.